

ENEIDA SANCHES – Artista visual

Artista visual, formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, criadora do projeto “Circuito das Artes”. Foi coordenadora da Galeria ACBEU de 2002 a 2008. Atuou como conselheira do Instituto Sacatar - Residência em Artes, na Ilha de Itaparica. Como artista tem obras suas em coleções do Museu de Arte Moderna da Bahia (Brasil), Caribbean Cultural Center, Smithsonian Institution, Museum for African Art (EUA), Afrika Museum (Holanda) e IY Art Center (Inglaterra).

1- Quem é Eneida Sanches?

Eu conheço poucos seres humanos que sabem quem são. Somos, às vezes, uma coisa em cada lugar, o que não significa nenhum tipo de esquizofrenia. Em alguns momentos precisamos exercitar mais um lado que outro. Por exemplo, no ateliê Eneida Sanches é artista visual, produz obras, pensa formas dessas obras chegarem a lugares de visibilidade; dentro de uma galeria tenho que aprender a ser uma produtora, ver o outro lugar, a que cuida da obra de um outro artista. Tenho que estar no lugar de suporte para dar encaminhamento e visibilidade à sua obra de arte, pensar na curadoria, montagem, etc. São tantas pessoas que carregamos que é difícil uma tentativa de simplificar. A gente saiu da era das certezas para a “Era Zen-Certezas”, o que é ótimo, né?

2- O que você entende por cultura?

Duas posições estão hoje habilitadas para saber sobre a cultura: os estudiosos e os produtores que trabalham na área. Eu não trabalho especificamente na área de produção em arte. Mas posso falar como eu vivo a minha cultura em artes visuais. A cultura é aquele lugar que utilizo como plataforma para produzir o meu pensamento. No caso do meu trabalho, investigo desde 2001 sobre o transe, começando, contudo, com objetos relacionados aos rituais africanos no Brasil. Com o tempo, minha obra expandiu sua reflexão para situações do humano como um todo e a partir desse lugar, a fruição pode tornar-se de natureza mais essencial/conceitual do que representativo. Fazendo um paralelo com obras de artistas que me serviram de referência, cito Pedro Almodóvar. Ele fala da cultura espanhola, está sempre referenciando isso em seu trabalho, mas, ao mesmo tempo, fala sobre o lugar da dúvida, do desconhecimento, da humanidade. O artista, sua arte, vem de algum lugar, e esse lugar que não apenas o social, mas é também cultural.

3- Como você avalia as políticas na Bahia nos últimos anos? E as políticas específicas para as Artes Visuais e os Museus do Estado?

Eu vejo que elas avançaram enormemente, mas a gente ainda precisa de mais representação dos artistas e da comunidade nas decisões relacionadas às políticas culturais. Acho que o artista precisa ser consultado enquanto classe para que os direcionamentos estejam alinhados com suas reais necessidades. Em termos de oportunidades, vejo o avanço grandioso através do lançamento de editais e da forma como podemos acompanhar seu percurso durante a

www.producaoculturalba.net

tramitação dentro da secretaria. Algo que jamais aconteceu antes. As formas de acesso que temos hoje, a transparência no trato dos projetos, as ações estão mais disponíveis para os que queiram se inteirar. A construção deste formato facilitou e ampliou o leque de possibilidades para a realização de projetos na área de arte/cultura.

4- O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura?

Os editais e as leis de incentivo, especialmente nos últimos dez anos, possibilitaram muitos projetos acontecerem. Sou um exemplo disso: coordeno um projeto chamado “Circuito das Artes”, que hoje está com quase 100 artistas. Conseguimos ampliá-lo para outros estados, em um desdobramento de diálogos chamado Triangulações. Projetos como este ganharam a possibilidade de vir a existir por causa dos editais. No entanto, os editais não dão conta de uma parte importante neste processo: a do suporte financeiro ao artista. Os salões de artes visuais entenderam isso e hoje apoiam os artistas selecionados com uma verba suficiente para dar apoio à continuidade da sua produção (gasto com material, envio, deslocamento ao local da mostra etc). Isso deveria estar sempre presente nos editais. Então, como pensar meios de providenciar este suporte aos artistas? Porque nem tudo que é produzido vai para o mercado e esta produção, investigação e aprofundamento dentro do espaço do atelier precisam continuar. Essa é uma observação de quem ocupa hoje ambas as posições de artista e de coordenadora de um projeto em artes visuais. No “Circuito das Artes”, os artistas são selecionados, eles trazem seus trabalhos e não recebem quaisquer subsídios, um suporte mínimo monetário. Então é importante que estejamos dando visibilidade, mas isso não é o suficiente.

5- Qual o papel da iniciativa privada no financiamento da cultura?

Acho que se não tivéssemos o apoio através do incentivo do Estado estaríamos com graves problemas porque enfrentamos aqui na Bahia uma dificuldade de visão do empresariado. A empresa privada só oferece apoio às marcas e projetos com alcance de massa, a exemplo do carnaval, da música de massa. Em relação às artes visuais, acho que temos contado apenas com o Estado. Contudo, esse quadro antigo já poderia ter sido revertido se houvesse um setor da Secretaria de Cultura voltado para pensar meios de captação e educação deste empresariado. Recursos de marketing diferenciados podem ser usados para que a iniciativa privada comece entender a importância de apoiar o que está acontecendo em outros âmbitos. Mas por enquanto é só Estado que está dando esse apoio.

6- Qual sua avaliação sobre a Produção Artística da Bahia nos últimos anos, em particular na área das Artes Visuais?

A gente veio de um momento com muitas dificuldades em termos de produção, nos últimos seis anos. Tivemos uma perda substancial das galerias e do público que as visitavam. O público perdeu o hábito e o interesse em espaços de reflexão, migrando massivamente para espaços de entretenimento rápido - para os shoppings, feirinhas e outros eventos que não trazem uma proposta de reflexão, como é o papel das artes. Junto com isso tivemos um

www.producaoculturalba.net

problema grave, que foi a retirada, nas escolas, de disciplinas ligadas à arte-educação. Assim, não temos mais uma formação de público para que as pessoas possam se interessar pela arte, se sensibilizem por ela. Isso auxiliou na dificuldade enfrentada por artistas em início e meio de carreira. Não há um público que aprecie sua obra ou um mercado para seu trabalho. As grandes galerias concentraram suas vendas, e assim, existe um problema na venda de valores intermediários.

7- Como você avalia o mercado das Artes Visuais na Bahia em comparação com outros estados?

Não posso comparar a Bahia aos outros estados porque não tenho dados para isso. Mas vejo que o mercado esteve melhor até 2008/2009, mais ou menos. A gente entrou num período de contração muito grande em Salvador. Várias galerias que trabalhavam artistas em meio de carreira saíram do mercado, ficando as que lidam com valores altíssimos. Essa concentração faz com que aquele que compra, maneje valores sempre muito altos, e faça isso somente através das grandes galerias, então as pequenas pouco conseguem se manter. Existem atualmente novos espaços emergindo: a nova RV, há algum tempo tem a Luiz Fernando Landeiro Galeria de Arte e Roberto Alban, que ampliou seu cardápio para a arte contemporânea. Desse modo, temos um mercado que busca e espera novamente aquecimento. Acredito que para os artistas que estão produzindo em escala pequena, as pequenas mostras coletivas, como as propostas por Andrea May, ajudam a tornar acessíveis os trabalhos que têm pequeníssima visibilidade. No “Circuito das Artes” desse ano (2014), já na sua VII edição, tivemos obras que custaram de R\$ 180,00 à R\$ 5.000,00 gerando, portanto, uma maior possibilidade para aquisição de obras durante o período da mostra e, de acordo com os artistas participantes, uma venda em atelier maior por conta da plataforma que o projeto oferece. Percebemos que a cada ano temos mais obras vendidas.

8- Quais as principais dificuldades de trabalhar com Artes Visuais no estado? Como os novos artistas conseguem se inserir?

Os novos artistas devem buscar participar dos Salões de Artes Visuais e tentar coletivas através de editais. No passado participei de muitas mostras grupais que visavam trazer essa produção à tona, mas bem verdade que os espaços como Aliança Francesa e ICBA (Goethe-Institut) ofereciam um bom suporte para isso. Hoje, com a dificuldade de verbas nos países-mãe, não há apoio para maior parte dos gastos. Galerias como a ACBEU dão visibilidade aos artistas que já estão com um processo em andamento. É por isso que vejo os Salões como um excelente modo de tentar a construção de sua mostragem. A participação nas oficinas que o MAM oferece também sempre serviu como uma articulação de encontros e tentativas de saída para crises individuais. Esse tipo de percurso é necessário e foi o mesmo que eu fiz, que os meus colegas fizeram, para que o corpo da sua produção mantenha-se em crescimento. Ninguém começa expondo em um lugar que tem visibilidade máxima, deve-se buscar caminhos através de pequenas coletivas, de participações como na Bienal do Recôncavo, etc.

9- Você já realizou várias exposições coletivas e individuais. Qual das duas formas é mais simples de se realizar?

Não há como comparar as duas experiências, é como comparar laranja com concreto. A experiência coletiva é fundamental porque você se vê dentro de um conjunto de produção, especialmente se houver algo que estabeleça diálogo nesta produção. É uma excelente oportunidade para fazer avaliações em torno do seu trabalho, de criar intercâmbios. A exposição individual exige um nível de visceralidade muito grande, pois traz aquilo que está profundamente dentro de você (e só de você) para fora. Então, são duas experiências absolutamente diferentes uma da outra, cada uma contém suas questões, suas adversidades.

10- Este ano o “Circuito das Artes”, projeto que você coordena, completou a sua 7ª edição. Isso mostra que o projeto já se consolidou e conquistou público. Qual o diferencial desse projeto? Fale um pouco sobre ele.

Acho que o principal diferencial do “Circuito das Artes” é que ele não está propondo um mapeamento da produção baiana. O Circuito tem uma curadoria que se preocupa em encontrar o diálogo possível entre as diferentes linguagens, não somente de técnica. Nós temos em geral cinco eixos temáticos e quem os assina é Alejandra Munhoz no Circuito local. Qual o diálogo possível entre esses artistas que se reuniram ali, e qual a diferenciação que cada um tem? O que é que une os artistas? O “Circuito” não permite uma relação esquizofrênica com a produção de arte, ele não coloca lado a lado de uma forma aleatória. Ele tenta compreender de que lugar parte a geração das obras expostas. Cada portfólio é lido e avaliado em sua potencialidade, fragilidade e aprofundamento. Após isso, tenta-se criar uma segunda seleção distribuindo-os nos espaços a partir do sentido. E tratamos de sublinhar esse agrupamento para o público através de um texto curatorial. Eu desconheço um projeto que esteja fazendo uma mostra coletiva que trate a produção desses artistas dessa forma. Esse é o diferencial do “Circuito”. Existem algumas outras características também interessantes: a mostra, por abrir em seis espaços simultaneamente, cria um “estado” de visitação e observação das artes, e isso, para a cidade desprovida de estímulos neste aspecto, altera o quadro de alijamento para com as artes visuais.

11- Este ano acontece a Bienal de Arte da Bahia, qual a sua opinião sobre essa iniciativa?

Em primeiro instante vejo uma iniciativa excelente, se houvessem outras instâncias que dessem conta de necessidades mais prementes nesta área. Além disso, a mostra apresenta enormes dificuldades numa área muito preocupante que é a comunicação, o que termino por questionar a que serve a Bienal. Não operando na promoção das artes locais, (no que tange inclusive o montante de verbas destinado à produção do evento) nem instigando a população a participar ativamente na busca por conhecimento ao campo, permanece uma lacuna em escopo e operação. Após 46 anos, a Bienal teria que trazer uma articulação entre os artistas participantes e não participantes, e a comunidade. O resultado é uma experiência de esvaziamento, uma mostra que está muito pouco representativa em relação ao que a Bahia

produz . A participação como artista na Bienal, me ajudou a ter uma visão crítica em relação ao que está acontecendo, especialmente na medida em que sou coordenadora de um evento que tenta articular artistas, público e espaços.

12 - Como você avalia os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências no que se refere às Artes Visuais?

Os espaços culturais na Bahia estão sofrendo aquilo que a política cultural está vivendo como um todo. Em primeiro lugar, as dificuldades de recurso para que possamos acolher melhor e manter estes espaços, minimamente, adequados a uma exposição. No âmbito das instalações, vários deles precisam passar por reformas amplas a exemplo da Galeria do Conselho. Outros aspectos dizem respeito à escolha/seleção das mostras que são apresentadas ao público a exemplo do Palacete das Arte. Questiono as gestões desses espaços para que sejam revezadas e alteradas, tentando escapar de escolhas muito direcionadas e tendenciosas. Os espaços não podem permanecer tantos anos sob uma mesma gestão. É preciso renovar e revitalizar o olhar trazendo para as mostras novos eixos, novas provocações ao público. No “Circuito das Artes” buscamos alterar sempre a curadoria para que ela não traga um olhar viciado sobre os mesmos artistas. É preciso trabalhar com a Secretaria de Cultura certos modelos de gestão dos quais saímos e para os quais não queremos retornar.

13 - Qual a importância de espaços como o MAB e o MAM?

O MAB e o MAM têm o ofício de museu e como tal, deveria encarregar-se de trazer ao público mostras de arte que fazem arte da construção mais notável nesta área. A articulação de pontes com outros museus nacionais para que o público local tenha acesso ao mesmo conteúdo artístico que é mostrado nas demais capitais é indispensável. Para isso, o setor de articulação de projetos nacionais deveria ser o mais ativo.

Além disso, a modernização na linguagem visual é imperativa num época em que novas tecnologias estão cada vez mais acessíveis a nós. A perda de uma parte da audiência está associada, em parte, a um ambiente pouco interativo. Não estou dizendo que a tecnologia deve ganhar mais importância que a obra de arte, mas faz-se necessário propiciar um meio à população, que hoje se comunica e aprende através destas novas ferramentas, para aproximá-la da arte e assim inserir reflexão e profundidade.

14 - O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E quanto a política de meia-entrada?

Acho a gratuidade interessante em alguns casos. Sou mais apreciadora de ideias como o Domingo no TCA, que cobra um real de entrada. Este tipo de estímulo é importante e curioso, ele traz um movimento que demanda um gasto mínimo na direção daquilo que se deseja. A meia-entrada é fundamental para aqueles que ainda são estudantes. Com isso, constrói-se uma prática de frequentar os lugares de arte a partir de outro estímulo que não seja apenas a experiência de massa, mas de indivíduo que frui uma obra, que sente sozinho, pensa e responde a ela.

15 - Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje no campo das Artes Visuais.

Este é um assunto que estamos debatendo dentro das discussões sobre artes visuais. Durante um longo período, este campo foi visto a partir de um mito romântico (leia Byron) em que o artista ocupava-se nada e além de sua produção. Aqueles que hoje trabalham com as artes visuais entende que ela precisa de uma metodologia, de disciplina, aprofundamento e pesquisa no seu campo, da construção de um portfolio claro e organizado e de buscar as oportunidades de visibilidade à sua produção através de editais, salões, bienais etc. Ao artista está sendo demandado um movimento para além do mito Byronico (de Byron) para uma interação e produção contínua. Então é necessário ativar várias outras habilidades para fazer-se visível. É importante saber diferenciar os dois momentos, o da produção da obra e suas demandas mais subjetivas e a chegada desta obra à audiência, ao público etc. Quanto ao mercado, ele trata de criar as suas próprias necessidades: marketing, mercado. Como fazer este ou aquele artista tornar-se mais desejável é uma habilidade e ofício dos mercadores. Nem sempre associados ao valor subjetivo da obra.

16 - Como você avalia a organização da classe artística baiana? Qual a sua importância?

Como classe artística encontramos-nos em enorme dissintonia. Temos insatisfações e demandas que não conseguem achar interseção nas formas de expressões delas. Apesar disso, conseguimos alguns avanços significativos através da inserção das demandas dos artistas pelos próprios artistas nos Conselhos Estaduais. Aí jaz minha única esperança, que através desta representação os artistas possam ser mais bem entendidos nas necessidades reais e não naquelas levantadas por pessoas que tem experiência apenas burocrática da cultura. São necessários ambos os olhares.

17- Qual a importância da crítica na área das Artes Visuais? Como você avalia a crítica na Bahia hoje?

Tivemos por muito tempo dois grandes críticos de arte na Bahia: César Romero e Matilde Matos. Suas visões são de experiências do modernismo. Não temos ainda uma resposta significativa nesta área para as linguagens contemporâneas pois o mestrado em artes visuais neste campo ainda é recente. Enquanto isso, temos utilizado o trabalho de curadores que tratam de ocupar esta função de maneira muitas vezes satisfatória. São poucos curadores que direcionam um olhar específico sobre a produção dos artistas de maneira continuada. Sem crítica, aprofundamento e pesquisa, corre-se o risco de ter uma produção infantilizada, senão superficial. A crítica estabelece eixos de pensar sobre a produção utilizando a história da arte como referência. Evitaria muitas das especulações atuais que são oferecidas ao público como se não já estivessem sido criadas, vistas e revistas há três ou quatro décadas atrás.

***Entrevista realizada por Carine Nascimento, Daniele Aquino e Tamilyes Alves, no dia 10 de Julho de 2014, em Salvador.**